

FINITUDE E TRADIÇÃO CRISTÃ: O OLHAR DA LITERATURA INGLESA

CABRAL, Gladir da Silva^{*}

RESUMO: Este artigo apresenta a análise do poema “And Death Shall Have no Dominion”, de Dylan Thomas, autor inglês do século XX, com o objetivo de ver em que medida o autor apresenta a questão da finitude, tendo como pano de fundo a tradição cristã. O estudo mostra que, apesar de seus pontos de conexão com a tradição cristã, a perspectiva de Dylan Thomas se afasta da visão ortodoxa da teologia cristã ao propor a integração do indivíduo nos elementos e forças da natureza.

PALAVRAS-CHAVE: Finitude; Cristianismo; Dylan Thomas.

ABSTRACT: This paper presents an analysis of the poem “And Death Shall Have no Dominion”, by Dylan Thomas, a 20th century English poet, trying to see in which measure the author’s attitude towards death, having as backdrop the Christian tradition. The article shows that, in spite of his points of connection with the Christian tradition, Dylan Thomas’ perspective moves away from the orthodox Christian theology while suggesting the integration of the individual into the elements and forces of nature.

KEYWORDS: Death; Christianity; Dylan Thomas.

Dylan Thomas, nascido em Swansea (País de Gales) em 27 de outubro de 1914 e morto em Nova York em 9 de novembro de 1953, considerado um dos poetas mais importantes da literatura inglesa do século XX, produziu uma obra em que a musicalidade, o ritmo e a riqueza de metáforas se mesclam a uma profusão de imagens bíblicas. Tais imagens oriundas das páginas da Bíblia, bem como dos escritos de William Blake e James Joyce, parecem indicar que a experiência religiosa representa um importante elemento de sua obra poética. Tal experiência, segundo alguns estudiosos, vincula-se às origens culturais do escritor e à sua criação familiar polarizada entre um pai declaradamente ateu e uma mãe profundamente piedosa.

Muitos poetas da literatura inglesa já escreveram sobre a morte e muitos movimentos literários já desenvolveram o tema da mortalidade na vida humana. Na poesia de Dylan Thomas, a realidade da morte tem uma importância fundamental por sua constante recorrência e pela profundidade da sua abordagem. Estudando sua poesia, é possível identificar o seu

^{*} Doutor em Letras (Inglês e Literatura Correspondente) pela Universidade Federal de Santa Catarina (2000). Atualmente é professor da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

posicionamento em relação à realidade da finitude humana. Em seus poemas pode-se encontrar, não apenas sua própria experiência e impressões pessoais sobre a mortalidade, mas também ecos de seu berço cultural, a tradição judaico-cristã.

Dylan Thomas viveu sempre com a impressão de que a morte lhe chegaria a qualquer momento, agudamente consciente da sua mortalidade, chegando a escrever vários poemas sobre a finitude humana. Como tinha problemas com asma e vivia na contínua suspeita de ter tuberculose, ele utilizava sua debilidade física como parte da sua performance e representação de poeta romântico, de menestrel celta, de bardo inspirado e condenado a viver uma vida curta.

Considerado por alguns críticos como o poeta inglês mais importante do seu tempo, celebrado por seus primeiros leitores como a mais destacada figura da literatura inglesa contemporânea, Dylan Thomas é um dos poetas mais apaixonados e complexos do século XX. Sua poesia é celebrada pela exuberância de sua retórica, seu domínio da linguagem, a musicalidade dos seus poemas, a originalidade de suas imagens, suas metáforas e a impressão mística de sua poesia. Mas ele também foi criticado pela excessiva concentração de suas imagens, pela repetição dos mesmos temas e pela complexidade da sua sintaxe, considerada por alguns críticos como sintoma de superficialidade e irresponsabilidade. Seus temas são de fato recorrentes, mas eles abrangem as experiências básicas da vida humana: nascimento, vida, amor e morte; e seu tratamento dos temas é complexo e preciso. Críticos como Elder Olson (1954), por exemplo, consideram a poesia de Thomas muito difícil de entender, às vezes parecendo irracional e sem a necessária disciplina. Outros, como David Daiches, a despeito de reconhecerem a dificuldade de interpretação dos poemas de Dylan Thomas e o número limitado de seus temas, imagens e frases, entendem que sua poesia é “magnificente, bem como original em tom e técnica, e que ao final de sua vida ele estava crescendo em estatura poética” (1987, p. 24).

A poesia de Dylan Thomas foi marcada por várias influências em diferentes momentos da sua vida e em diferentes níveis. Pode-se enumerar nomes como Blake, Freud, Jung, Joyce, Rimbaud, Kierkegaard, John Donne e muitos outros. Ele foi influenciado pelo surrealismo, havendo inclusive pontos de conexão entre a sua poesia e a poesia de Rimbaud e Hopkins (BAYLEY, 1987, p. 140). Embora Dylan Thomas não tenha admitido a influência do surrealismo e tenha até mesmo negado isso em seu “Manifesto Poético”, argumentando que a fórmula dos surrealistas era a justaposição de inesperado sem que haja criação consciente de imagens (apud FITZGIBBON, 1968, p. 372), resultando num certo tipo de escrita automática, ele tinha conhecimento do movimento surrealista e até participou da Grande Mostra Internacional dos Surrealistas em Londres em 1936 (p. 21). Ao ler os poemas de Dylan Thomas, percebe-se que ele

escreveu conscientemente, criando algumas estruturas de rima e ritmo muito complexos e usando coerentemente os padrões verbais e a riqueza de imagens, ainda que de modo concentrado e complexo. Seus poemas foram escritos para comunicar, e o fazem com competência e controle.

Dylan Thomas também foi profundamente influenciado pela cultura celta, de sua origem, da qual adquiriu uma eloquência impressionante e uma noção bastante sofisticada de retórica, assim como também a habilidade de usar e criar metáforas, juntamente com seu senso de humor tão natural e pessoal, cheio de entusiasmo e energia. Um aspecto importante da influência galesa na poesia de Dylan Thomas é a sua experiência religiosa, que deu a ele sensibilidade para o som das palavras e o ritmo das frases, a cadência, a percepção musical, a retórica imponente. A leitura da Bíblia contribuiu para enriquecer o repertório de imagens de Dylan Thomas, como ele mesmo reconheceu: “os grandes ritmos rolaram sobre mim dos púlpitos de Gales; e eu lia, silenciosamente, de Jó a Eclesiastes: e a história do Novo Testamento é parte de minha vida” (THOMAS apud FERRIS, 1977). A religião celta que Dylan Thomas conheceu na infância, um certo tipo de puritanismo protestante rural com suas campanhas de pregação, seus reavivamentos, seus hinos, deram também a Thomas a preocupação com sua salvação, uma consciência aguda de pecado e a noção da presença de Deus no mundo e na natureza. Sua experiência religiosa enfatizava a palavra escrita e a importância da relação pessoal e direta com o Deus Todo-poderoso, o criador e preservador do mundo dos homens e do mundo natural. Sua herança religiosa também lhe deu a força dos seus temas e abordagens, a riqueza de sua linguagem, as imagens e os ritmos de seus versos. A linguagem celta também teve grande influência na poesia de Dylan Thomas, embora se saiba que ele falava apenas inglês. Todavia, a mitologia celta, os escritores galeses antigos e contemporâneos e até mesmo as pessoas comuns de sua vila, mineiros, pescadores e operários do litoral de Gales, estão incluídos na lista das influências que sofreu. Outra grande contribuição da herança galesa em Dylan Thomas é sua arteficialidade no uso da linguagem poética, seu constante trabalho de revisão e aperfeiçoamento da palavra, resultando algumas vezes numa expressão aparentemente natural ou intensamente emocional, o resultado de horas e até mesmo dias de trabalho duro. Dylan Thomas gastou parte do seu tempo e energia colecionando palavras e expressões do povo da sua vila, ouvindo histórias, reescrevendo e aperfeiçoando sua obra de arte.

O tema da finitude humana tem importância central na poesia de Dylan Thomas, o que pode ser observado pela frequência de sua ocorrência e pela intensidade de suas imagens: “Sinto todos os meus músculos se contraindo”, confessa ele, “enquanto tento extrair das rodopiantes palavras ao redor minhas idéias eternas sobre a importância da morte para os vivos” (apud FITZGIBBON, 1968, p. 135). Comentando sobre a sensação

de terror diante da possibilidade de uma morte prematura, agravada pela sua saúde frágil e pelo seu péssimo hábito de fumar e beber, Fitzgibbon afirma que Dylan Thomas, seus pais e todos os seus amigos achavam que ele morreria jovem: “Durante toda a sua vida os relógios anunciavam-lhe sua morte... Seu pai disse que Dylan jamais chegaria aos quarenta” (p. 49). Dylan Thomas morreu com 39 anos de idade. Seus poemas refletem esse medo da morte que, para ele, era uma presença cheia de ameaça e terror. Mas mais do que refletir esse senso de terror em face da finitude humana, os poemas de Dylan Thomas sugerem uma alternativa à ameaça da morte, eles apontam para uma reação, eles apresentam uma atitude afirmativa. Fitzgibbon entende a atitude de Dylan Thomas em relação à morte em termos de uma síntese freudiana entre o desejo de morte e o instinto de vida manifesto no impulso urgente de procriar e poeticamente expresso através de imagens bíblicas, astronômicas e psicanalíticas (p. 100). Embora a influência de Freud não possa ser negada, creio que a atitude de Dylan Thomas em relação à morte pode também ser interpretada de acordo com suas origens religiosas, considerando a herança cristã tão evidente em seus poemas. A fim de realizar essa tarefa, é necessário analisar os conceitos cristãos de vida, morte, corpo, alma, tempo e eternidade presentes na poesia de Dylan Thomas e tentar determinar como eles podem ser relacionados com a atitude do poeta em relação à morte. Às vezes ele parece apresentar a morte como uma experiência unificante com o mundo natural, às vezes ele parece sugerir uma visão cristã ortodoxa do conceito de ressurreição e fé. Às vezes a realidade da morte é tão forte para Thomas que ele pode percebê-la até no nascimento de uma criança, sugerindo que há certa unidade no movimento de vida e morte, como se eles fossem parte do mesmo processo. “O nascimento”, diz Thomas “é o começo da morte” (apud SHAPIRO, 1987, p. 176).

Ao desenvolver o tema da morte em sua poesia, Dylan Thomas utiliza símbolos cristãos e cria um tipo de discurso religioso sobre a morte, às vezes reinterpretando esses conceitos e símbolos religiosos de acordo com a sua própria noção da sacralidade do mundo natural e sua fé na permanência da vida. Alguns críticos, como Ralph Maud (1963; 1968; 1987), por exemplo, percebem uma evolução na atitude de Dylan Thomas em relação à morte, do senso de desespero e terror dos primeiros poemas, à atitude mais madura e resignada dos últimos poemas. Em poemas como “Poem on his Birthday”, “Ceremony After a Fire Raid” e “Fern Hill” é possível observar que a morte pode ser celebrada com alegria, destemor e fé. Mas Ralph Maud crê que Thomas não encontra, na alternativa religiosa, a solução para o problema da morte, pelo menos não na religião cristã (1987). Outros críticos, como David Daiches (1987), também reconhecem nos poemas de Thomas a consciência da unidade da vida e da morte, e até mesmo a esperança da superação da morte como o elemento destrutivo da

vida, sugerindo que o poeta alcança uma atitude religiosa para com a vida e para com a morte depois de uma longa experiência de sofrimento e desilusão (p. 17). Para alguns críticos, Thomas mostra otimismo em relação à realidade da morte, entre o *self* e o mundo; para outros, ele não o faz. Para alguns ele celebra a unidade da vida e da morte, e para outros ele não constrói nenhuma ponte entre vida e morte, entre o *self* e o mundo. Para alguns ele aceita a tradição cristã como uma alternativa de compreensão de mundo, para outros ele a nega completamente. A questão parece aberta à discussão.

Considerando que o tema da morte é importante em sua poesia e que ela abunda em imagens religiosas e alusões ao cristianismo, decidi analisar essas referências, tentando traçar um paralelo entre a poesia de Dylan Thomas e a tradição cristã em relação ao tema da finitude humana. Minha intenção é comparara as atitudes de Thomas diante da morte com a tradição cristã, especificamente a tradição protestante, de acordo com a origem galesa do poeta, a fim de encontrar pontos de acordo e discordância, ou mesmo incongruência. Restringi a análise à tradição protestante do tema da morte na Bíblia, a Martinho Lutero, João Calvino e Søren Kierkegaard por que eles representam de certa maneira a visão protestante de mundo, a cosmovisão protestante. O próprio Thomas reconheceu a influência das histórias da Bíblia em sua poesia, e dos hinos cantados na capela em sua infância, os ritmos, os mitos, as imagens. Thomas também foi influenciado por Kierkegaard em sua visão romântica da vida. Calvino e Lutero são incluídos por sua importância na história do pensamento protestante. Minha hipótese é a de que há alguns pontos de contato entre a poesia de Thomas e sua herança cristã.

O poema “And death shall have no dominion” foi escrito em 1933 e publicado no mesmo ano na revista *New English Weekly*, e em 1936 no livro *Twenty-five Poems*. Alguns críticos consideram o poema como mero exercício retórico vazio (FRASER, 1959, p.220). Aneurin Talfan Davies (1964) também pensa assim e acrescenta que falta ao poema “a sinceridade básica que caracteriza a maioria dos seus trabalhos”.¹ O poema é diferente dos outros escritos por Thomas, mas de acordo com Anthony Thwaite (1964) o poema é diferente em

sua soberba arrogância, em seu repúdio à destruição e à nulidade, ao ponto de ser comparado ao soneto de John Donne “Death, be not proud”. A retórica é solta e o poema parece existir num mundo cruamente claro, diferente do mundo sombrio e secreto dos outros poemas sobre a morte. (p. 99-100).

Concordo com Davies no reconhecimento de que o poema tem o seu valor e gostaria de frisar a musicalidade, suas imagens ricas, sua estrutura

¹ *Dylan: Druid of the Broken Body*, 1964, p. 58

coesiva. O poema foi escrito a partir de uma sugestão de A.E. Trick, que o desafiou a escrever um poema sobre a imortalidade. Trick escreveu o seu poema com o refrão “For death is not the end”, enquanto Dylan Thomas escreveu “And death shall have no dominion”. (FERRIS, 1977, p. 83). Ferris comenta que o poema é uma tentativa, por parte de Thomas, de ser otimista, de desafiar as forças da morte e da decadência a fim de manter sua sanidade. O poema “ressoa como um órgão de tudo, ele soa mais como um ato de desafio que uma declaração de fé”. (p.83). Entretanto, Thomas não pareceu gostar do poema e talvez o tivesse deixado de fora do livro *Twenty-five Poems*, se Vernon Watkins não tivesse interferido. (1957, p. 134-5).

Curiosamente, este é o poema mais famoso de Dylan Thomas. Ele é dividido em três estrofes e a estrutura da rima é A,A,B,A,C,D,D,E,A. O poema começa com uma referência bíblica ao livro de Romanos 6:9, em que o apóstolo Paulo diz: “Pois sabemos que, tendo sido ressuscitado dos mortos, Cristo não pode morrer outra vez: a morte não tem mais domínio sobre ele”:

E a morte não terá nenhum domínio.
Nus, os mortos irão se confundir
Com o homem no vento e a lua no poente;
Quando seus alvos ossos descarnados se tornarem pó,
Haverão de brilhar as estrelas em seus pés e cotovelos;
Ainda que enlouqueçam, permanecerão lúcidos,
Ainda que submersos pelo mar, haverão de ressurgir;
Ainda que os amantes se percam, o amor persistirá;
E a morte não terá nenhum domínio.

E a morte não terá nenhum domínio.
Aqueles que há muito repousam sob as dobras do mar
Não morrerão com a chegada do vento;
Contorcendo-se em martírios quando romperem os tendões,
Acorrentados à roda da tortura, jamais se partirão;
Em suas mãos, a fé irá fender-se em duas,
E as maldades do unicórnio os atravessarão;
Espedaçados por completo, eles não se quebrarão;
E a morte não terá nenhum domínio.

E a morte não terá nenhum domínio.
Não mais irão gritar as gaivotas aos seus ouvidos
Nem se quebrar com fragor as ondas nas areias;
Onde uma flor desabrochou não poderá nenhuma outra
Erguer sua corola para as rajadas da chuva;
Ainda que estejam mortas e loucas, suas cabeças
Haverão de enterrar-se como pregos através das margaridas,

**Irrompendo no sol até que o sol se ponha.
E a morte não terá nenhum domínio.²**

Esse poema pretende ser uma afirmação, se não uma afirmação de fé, talvez, pelo menos uma afirmação do indivíduo diante da morte, em contraste, diz Maud no livro *Poet in the Making* (1968), com outros poemas marcados pela dúvida. O poema expressa esperança na vitória da vida e do amor contra o poder destrutivo da morte. A declaração bíblica de que a morte não terá domínio é baseada na fé na ressurreição do corpo e na vida eterna, caracterizando uma atitude religiosa diante da morte. O poema de Dylan Thomas tenta manter uma atitude otimista diante da morte e resiste à tirania que ela perpetua sobre a natureza.

A primeira estrofe parece declarar que, após a morte, o indivíduo mergulha e se dissolve dentro da natureza, sente-se integrado no processo natural da vida no cosmos. O poeta diz que “os mortos” serão unidos, “serão um”, com as “estrelas”, mesmo que seus ossos estejam completamente secos e “desfeitos” (1.1-4).³ O poeta parece afirmar que o indivíduo sobrevive de alguma forma depois da morte mediante sua integração nas forças da natureza.

Os “ossos limpos” podem se referir à passagem bíblica de Ezequiel 37, onde o profeta é enviado a profetizar aos ossos secos do vale e fazê-los ressuscitar, e os ossos revivem e se tornam pessoas novamente. Mas o poeta não está falando do conceito cristão de ressurreição, ele está usando essa imagem para sugerir que o indivíduo sobrevive através da natureza, na natureza, o que sugere uma visão muito mais oriental, budista, do que propriamente judaico-cristã.

O poema afirma a vida à despeito do aparente domínio da morte, em aberta oposição a ela, que se torna enfática com a recorrência da conjunção “embora”, que indica uma atitude de resistência (1.6-8). A despeito da loucura, os mortos “serão sãos” (1.6); apesar de serem desintegrados pelo mar, eles “se erguerão novamente” (1.7) porque sua energia será digerida e transformada em outras formas de vida.

A imagem do mar devolvendo seus mortos tem também uma origem bíblica, a profecia de Apocalipse 20:13, que diz: “O mar entregou os mortos que nele havia, e a morte e o Hades entregaram os mortos que neles havia; e cada um foi julgado de acordo com o que tinha feito”. Para Dylan Thomas, a morte não terá domínio porque o indivíduo, através de sua imersão na natureza, retorna à vida em seu processo natural.

² Tradução de Ivan Junqueira. A versão original em inglês está em anexo.

³ As notas entre parêntesis referentes aos poemas são apresentadas de acordo com sua estrutura: estrofes e versos serão indicados por números arábicos, separados por um ponto (4.7).

A primeira estrofe também apresenta a ideia de que a essência do amor não desaparecerá; mesmo que os “amantes se percam” (1.8), o indivíduo é redimido pelo movimento geral do amor, e nada é perdido. O amor é um símbolo da permanência da vida, um sentimento vital que liga e conecta os seres humanos, e a morte não pode destruí-lo. Mesmo que o indivíduo seja atingido pela morte, o processo geral mais amplo é salvo, e o significado da vida é preservado, porque o universo não é submergido nos domínios da morte. Cada estrofe começa e termina com esta afirmação da vitória da vida sobre a morte: “E a morte não terá domínio”.

A segunda estrofe continua focando naqueles que permanecem “sob as dobras do mar”, dizendo que eles “não morrerão com a chegada do vento” (2.2-3). De certa forma, quando o poeta declara que a morte não terá domínio, ele está reconhecendo o poder real que a morte tem sobre a vida humana. Curiosamente, o poeta começa o poema com a cláusula coordenada “E a morte não terá domínio”, que parece ser complemento de outra cláusula, assim implicando que alguma coisa aconteceu antes e por isso a morte não terá domínio. O antecedente bíblico é a ressurreição de Cristo, o de Tomas é a integração nas forças da natureza. O poema começa com uma sentença que parece ser a continuação de um discurso mais longo, talvez no estilo de um sermão de funeral.

Na primeira parte da segunda estrofe, Tomas usa a imagem de um naufrágio, referindo-se aos que permanecem mortos no fundo do mar, cujos corpos estão completamente destruídos pela morte, não-identificados e perdidos para sempre debaixo das ondas. O poeta, contudo, resiste ao domínio desse tipo de morte, declarando que aqueles que repousam sob o mar “não morrerão ao vento”, não serão completamente dispersos sob o sopro dos ventos da morte.

Dylan Thomas também usa a imagem daqueles que morrem sob violência e tortura, talvez sob as forças revoltantes e ameaçadoras da Inquisição, talvez a morte dos mártires, “[c]ontorcendo-se nos grilhões” (2.4), “[a]correntados à roda da tortura” (2.5), “quando romperem os tendões” (2.4), propondo que mesmo neles os tendões não se partirão, o sofrimento do indivíduo não será permanente, absoluto, mas temporário.⁴ Os nervos resistem, i.e., o corpo resiste ao absurdo da morte, à violência do domínio da finitude.

A declaração controversa “Em suas mãos, a fé irá fender-se em duas, / E as maldades do unicórnio os atravessarão” (2.6-7) da segunda estrofe tem sido interpretada como uma indicação da recusa do poeta diante de qualquer consolação da fé, como uma afirmação da destruição da fé por essa morte na tortura, e a negação de qualquer libertação da morte pela fé religiosa. (ACKERMAN, 1994, p. 86) Entretanto, isso parece exagero.

⁴ A roda era um instrumento de tortura usado nos tempos da “santa” Inquisição, na Idade Média.

Embora não fosse frequentador assíduo de igreja, Dylan Thomas jamais declarou oficialmente seu afastamento dela. Essa parte do poema pode querer sugerir que a fé não é completamente destruída, mas apenas parcialmente quebrada, dividida em duas partes como nas mãos em oração que são separadas, perfuradas pelo unicórnio do mal, mas apesar de ser “partida em duas”, “eles não se quebrarão”, não serão totalmente destruídos, mas manterão a unidade (2.8). A ideia de resistência à morte está presente. O poeta está declarando a permanência da fé a despeito da crueldade da morte, a despeito do aparecimento da morte como castigo, como condenação. John Ackerman defende que o poeta está afirmando a unidade com a natureza como um substituto da fé (p.87). Contudo, penso que Thomas preserva a necessidade da fé, não como um cristão ortodoxo, mas algum tipo de fé como afirmação humana diante da morte, uma afirmação que transcende a experiência do conhecimento e toca o reino do inefável, a fonte para superação da finitude. Embora algumas vezes essa fé pareça significar pouco mais que a mera integração do indivíduo no processo da natureza, ou algum tipo de união com o mundo natural definido muito mais em termos de participação física do que consciência espiritual, a preservação da fé salva o mundo de Thomas do desespero, do cinismo, da indiferença. Thomas adorna esse conceito de integração do indivíduo nos elementos da natureza com a aura poética e metafísica da fé, inclusive com imagens e alusões bíblicas.

Na terceira estrofe, as imagens do mar voltam, os sons das “gaivotas” e das “ondas” quebrando ruidosamente na costa (3.2-3). O mundo visitado pela morte é um mundo de silêncio: o indivíduo não pode identificar os sons da natureza, há uma sensação de perda, o mundo perdeu sua beleza. O poeta comunica um tom de nostalgia, de melancolia, trazendo imagens da ausência das flores, que não mais podem ser vistas sob a chuva (3.4-5).

Na segunda metade da estrofe, o poeta contrabalança com a parte do “Embora” (3.6). Apesar de sua morte e loucura, perda de significado e consciência, representadas pela ausência de flores, chuva e gaivotas, o indivíduo resistirá como “pregos através das margaridas” (3.6-7). Mesmo que as flores não possam mais erguer suas cabeças à chuva, elas perfurarão as margaridas, através dos elementos da natureza, através do mundo vegetal que sobrevive, invadindo o sol “até que o sol se ponha” (3.8). A vida ainda é possível mesmo quando é atingida pela morte, e a morte não terá domínio, porque a vida pode reaparecer de debaixo do solo e crescer como uma planta em direção ao sol. O poema tem um final otimista: apesar da presença tirânica da morte, da crise que assalta a fé, da tragédia que cai sobre os amantes, a vida resistirá, a fé resistirá.

De acordo com a tradição cristã, a morte está ligada com a realidade do pecado, sendo considerada a consequência da escola errada do ser humano e não apenas um processo natural da criação. Embora o processo

seja natural, a significação dada vai muito além do biológico, pois é ato cultural, criação social. Mas, de qualquer forma, na perspectiva bíblica, o pecado traz morte a todas as coisas criadas. Contudo, de acordo com o evangelho, Cristo transforma a tragédia em divina comédia. A morte, uma vez vista como final trágico da vida, como uma separação de Deus, é agora entendida na perspectiva da redenção e da salvação originadas na misericórdia e no amor de Deus.

Há muitos elementos de concordância e discordância entre a atitude de Dylan Thomas em relação à morte e a tradição cristã (protestante). Sua poesia foi produzida no contexto de uma sociedade cristianizada, Gales e Inglaterra, embora Thomas não fosse ele mesmo ativamente religioso. Sua poesia, sua forma de ver o mundo, seu vocabulário, suas imagens e até seu jeito de ler poemas revelam uma atitude profundamente religiosa. Em sua infância, recebeu várias influências religiosas de sua mãe, de outros parentes, da leitura da Bíblia, dos hinos, de pregadores, da escola dominical. Seus poemas contêm abundância de imagens, ritmos e conceitos extraídos da Bíblia. Entretanto, a poesia de Thomas não pode ser classificada como devocional ou religiosa ou até mesmo ortodoxamente cristã. O cristianismo recebe tratamento em sua poesia, é relido, reconceitualizado em dimensões diferentes. Sua religiosidade é caracterizada numa dimensão mais geral e vaga da presença de Deus no mundo, uma impressão indefinida da sacralidade da vida e um reconhecimento inefável da importância da realidade da morte. O caráter religioso da poesia de Thomas pode ser percebido nos elementos estruturais e formais e até mesmo no conteúdo de seus poemas.

A poesia de Thomas apresenta uma versão secularizada ou orientalizada de cristianismo, uma atitude secularizada diante da vida e da morte por trás de uma linguagem, uma retórica, uma simbologia e uma série de imagens cristãs. Deus, na poesia de Thomas, se torna uma figura bem diferente da visão cristã tradicional, muito mais identificado com o mundo natural, algumas vezes menos envolvido na tragédia humana, às vezes simpático com a humanidade, às vezes menos pessoal, às vezes tornando-se uma presença indistinta na borda do universo. A natureza é sacralizada, tomando o lugar de Deus na manifestação e na comunicação da sacralidade e do mistério do mundo. Na perspectiva bíblica, Deus é inteiramente distinto do mundo natural. Ele é o Criador, e a natureza pode manifestar sua glória (Salmo 19:1-4), mas não pode ser idolatrada, não pode ocupar o lugar de Deus, pois a natureza não é sagrada em si mesma. A sacralidade do mundo natural somente reflete a santidade Deus, mas em eterna dependência de sua vontade e palavra. A natureza não é vista como uma entidade autônoma, como se a vida fosse originada na natureza por si só. Deus é o princípio da vida.

A recorrência do tema da morte na poesia de Dylan Thomas testifica

que ele era muito importante para ele, quase uma obsessão. Como se pode ver também neste poema, a morte representa um processo que afeta a ele mesmo, seu corpo e sua mente, sua individualidade, mas também afeta todo ser humano. Sua ênfase na morte como experiência fundamenta da vida contrasta com a visão bíblica de que a vida é o valor supremo e da morte apenas enquanto indicadora do fim da vida. No Velho Testamento, a morte não é vista como um processo natural, mas como uma interrupção do processo de viver. De acordo com o entendimento de Bultmann sobre a cultura bíblica, a vida é definida como uma “extensão temporal cujo fim é a morte” (1981, p. 849), e a morte não é um processo natural por si mesmo, mas simplesmente o fim. A morte parece ser vista apenas como a negação da vida, algo à parte da natureza. “A idéia de que a vida e a morte podem ser consideradas como uma unidade”, diz Bultmann, “é completamente estranha” (p. 849). De acordo com a tradição cristã, a morte não é vista como um valor autônomo por si só. Para Lutero, a manifestação da graça e da salvação de Deus constituem o supremo valor da vida que, para Calvino, está no relacionamento de um indivíduo livre com um Deus soberano. Kierkegaard irá dizer que a morte não é o problema fundamental da vida humana, mas a própria existência, não o morrer, mas o viver (1949). Entretanto, na medida em que a morte, para Dylan Thomas, constitui um problema envolvendo a humanidade inteira, ele concorda com a tradição cristã, que a toma como uma tragédia comum a toda a raça humana. Todavia, a tradição cristã oferece a doutrina da ressurreição do corpo como contrapeso à realidade da morte, e Dylan Thomas parece mergulhar na experiência do morrer como uma reabsorção na natureza.

Calvino entende a natureza humana de modo paradoxal, vendo o indivíduo como uma misteriosa unidade, mas também como uma entidade dividida em corpo, alma e espírito. Em sua *Institución de la Religión Cristiana*, Calvino compreende o homem em termos de corpo e alma. A alma é a parte imaterial do ser humano, localizada no corpo como em uma casa a fim de dar-lhe não apenas vida, mas também governo sobre o corpo neste e no próximo mundo (1597). Para Calvino, a alma não é apenas distinta do corpo, mas superior a ele, noção bem diferente da do Velho Testamento, que vê a integralidade da vida humana.

Na tradição cristã, a morte é considerada a punição divina para o pecado humano e, portanto, trazendo certas implicações morais relacionadas com o certo e o errado, o bem e o mal, a obediência e a desobediência. Mas se a morte é parte do movimento cíclico da natureza, como parece ser o caso da poesia de Dylan Thomas, então ela é neutra e não tem impacto moral, não gera culpa nem danação eterna. Calvino e Lutero, como representantes da tradição protestante, também concordam com o entendimento da morte como sendo consequência, resultado do pecado. Para eles, a morte não é originalmente parte da natureza, mas é

gerada pela Queda do ser humano como consequência de sua livre escolha, algo que poderia ser evitado. Ambos os teólogos pensam que o pecado de Adão deformou e transformou o mundo natural e cultural, degenerando a natureza humana, um cosmos decaído.

Lutero e Calvino veem a vida como estando constantemente ameaçada pela morte, e cada dia da vida como sendo uma vitória sobre as forças da destruição. Nos poemas de Dylan Thomas, a representação da vida como sendo constantemente ameaçada pelo risco e pelo poder da morte pode ser também identificada, inclusive no poema em análise. A morte está sempre presente, ameaçando os indivíduos, denunciando os limites do tempo e da existência. O poema “And death shall have no dominion” parece mostrar a unidade do fenômeno da vida e da morte. A vida e a morte estão muito próximas uma da outra, o dia do nascimento é o começo da morte, o que contrasta com a visão bíblica da vida como o valor supremo, com o dom mais importante de Deus, e a morte como negação da vida, mas não como uma realidade autônoma. Thomas vê a vida e a morte como partes do mesmo processo, como uma unidade. Todavia, Calvino e Lutero desenvolveram a ideia de que a vida é rodeada pela constante e intensa ameaça da morte, reconhecendo-a como muito perto. Como Lutero, Calvin reconhece a vida humana como estando rodeada de incontáveis perigos, morte, doença, tragédias. “Para onde quer que vamos”, diz Calvino, “tudo ao nosso redor, não é apenas suspeito, mas também quase abertamente nos ameaça e ataca mortalmente. Se entramos num barco, entre nós e a morte não há mais do que um passo. Se andamos a cavalo, um único tropeço pode colocar nossa vida em perigo...” (1597, p. 145).⁵ Assim, esse aspecto da visão de Dylan Thomas está muito próxima da de Lutero e Calvino.

O indivíduo representa um valor fundamental na poesia de Dylan Thomas, é o centro de sua poesia, que é lírica, subjetiva. A presença da morte parece afetar o indivíduo e lançá-lo numa profunda crise existencial. Nesse aspecto, a poesia de Thomas parece estar ligada ao pensamento de Kierkegaard: o poeta mostra-se consciente de sua própria morte e desespero. Thomas apresenta o indivíduo em crise justamente por causa da presença ameaçadora do tempo e da finitude, e por causa de sua autoconsciência. Num certo sentido, os poemas de Dylan Thomas mostram um indivíduo em angústia, cômico de sua individualidade e de sua finitude, tentando superar a ansiedade dessa condição. Nos poemas que fez celebrando seus aniversários, como “Poem on his Birthday” e “Poem in October” (não analisados aqui dada a limitação de espaço), Dylan Thomas medita sobre a mortalidade, e nesse sentido parece alinhar-se com Lutero,

⁵ Tradução minha.

para quem a meditação diária sobre a vida e a condição mortal era altamente recomendável: o *memento mori*. Obviamente, Lutero não recomenda o pensar sobre a morte no momento da morte. Ele argumentava que no momento de morte o cristão deveria concentrar-se na visão da vida em Cristo. Na contemplação da imagem de Cristo, o inferno já não tem importância e não traz dúvida alguma, a redenção é alcançada (1987, p. 391). Mas Lutero sugere que o cristão deve pensar em seu próprio estado de mortalidade através da vida. Kierkegaard também considera a individualidade como um valor fundamental do ensinamento cristão e identifica com o relacionamento com Deus. O ser humano é um indivíduo quando está em relação com o Deus triúno.

Alguns poemas de Dylan Thomas apresentam a morte como uma força negativa e convidam o leitor a resistir a ela. Poemas como “Do not go gentle into that good night”, em que o poeta lida com a morte de seu próprio pai, contradizem o conceito de morte como um fenômeno natural e sugerem que o indivíduo deve resistir a ela, tomando-a como valor negativo, uma realidade que precisa ser superada. O poema “And death shall have no dominion” também convida o leitor a desafiar a morte, a resistir à sua presença destrutiva. Para a tradição cristã, a morte é sempre o inimigo, a força destrutiva e negativa causada pela Queda da raça humana. Embora algumas vezes o apóstolo Paulo refira-se à morte como uma passagem para a vida eterna, ele a considera como “último inimigo” (I Coríntios 15:26), como o salário do pecado (Romanos 6:23), algo diabólico em si mesmo, algo que precisa ser enfrentado pela fé em Cristo e na ressurreição. Contudo, Lutero e Calvino, apesar de também considerarem a morte uma força negativa ligada ao pecado de Adão e Eva, veem a morte como estando sob o controle de Deus, portanto eles entendem que o cristão deve aceitar a chegada da morte como uma determinação divina. A Bíblia mostra a morte dos patriarcas de Israel como um exemplo de como a morte pode ser tratada e aceita com calma e coragem. Esses líderes de Israel morreram “em avançada idade”, sem resistência, em plena aceitação. Eles não tinham medo de morrer.

De acordo com Kierkegaard, a fé é a única opção bem sucedida ao desespero. Quando um homem crê que para Deus tudo é possível, ele pode superar o dilema da doença mortal, i.e., o desespero (1984). É impossível que o ser humano se salve por si mesmos, mas para Deus tudo é possível. A fé é o poder que pode criar o possível e dar salvação. Para Dylan Thomas, a morte pode ser superada pela integração do indivíduo nas forças da natureza. Para ele, o indivíduo pode superar o medo da morte ao mergulhar no mundo natural. Ele sugere que o indivíduo pode sobreviver e viver nos elementos naturais, na árvore, no riacho, na flor. A perspectiva bíblica é diferente, e ensina que o indivíduo pode superar a realidade da morte por meio da fé na ressurreição do corpo, recriado e

aperfeiçoado pela interferência direta de Deus no processo natural. Para Lutero e Calvino, o que dá paz ao coração do moribundo é a fé na ressurreição do corpo, na reafirmação da vida sobre a experiência da morte. A ideia de subsistir nos elementos da natureza é estranha à tradição cristã. A sugestão da reabsorção do indivíduo nas forças naturais, como foi apontado anteriormente, parece indicar muito mais os vínculos com a religiosidade oriental. Para Dylan Thomas, o mergulho nos elementos da natureza parece garantir a continuidade da vida, mas a individualidade se perde no processo, o que representa uma grande falta no contexto de sua própria poesia, que celebra de forma tão apaixonada e profunda trajetória do indivíduo. Dessa maneira, a individualidade passa a ser apenas uma breve interrupção no movimento inconsciente e cíclico da natureza.

Finalmente, comparando a atitude de Dylan Thomas em relação à morte com a tradição cristã protestante, é possível concluir que o poeta usa muitos elementos da sua herança cristã, mas rejeita a aceitação integral da fé cristã ortodoxa. Seus poemas estão cheios de uma experiência religiosa genuína e intensa, metáforas, alusões, conceitos e palavras do cristianismo, mas que são ressignificados de acordo com a visão do poeta, que entende o indivíduo como parte da natureza, a morte como uma experiência de união com os elementos do mundo natural, e a esperança de sobreviver à morte através da participação física nos elementos e movimentos da natureza. Dylan Thomas usa conceitos e símbolos cristãos como estrutura geral de sua experiência estética e como parte de seu contexto cultural, muito mais do que como convicção pessoal.

REFERÊNCIAS

- ACKERMAN, John. *A Dylan Thomas Companion*. 2. ed. London: The Macmillan Press, 1994.
- BAYLEY, John. "Dylan Thomas." *Dylan Thomas: a Collection of Critical Essays*. Ed. by C.B. Cox. New Jersey: Prentice-Hall International, 1987. p. 140-168.
- BULTMANN, Rudolf. "Záo and Zoê" *Theological Dictionary of the New Testament*. Ed. Gerhard Kittel. Trans. Geoffrey W. Bromiley. 8th. ed. Vol. 2. Gran Rapids: Eerdmans, 1981.
- CALVIN, Jean. *Institución de la Religión Cristiana*. Trad. Cipriano de Valera (1597). Rijswijk: Fundación Editorial de Literatura Reformada, 1967.
- DAICHES, David. "The Poetry of Dylan Thomas." *Dylan Thomas: A Collection of Critical Essays*. Ed. by C. B. Cox. New Jersey: Prentice-Hall International, 1987. p. 14-24.
- DAVIES, Aneurin Talfan. *Dylan: Druid of the Broken Body*. London: J. M. Dent and Sons, 1964.

- FERRIS, Paul. *Dylan Thomas*. New York: Dial, 1977. 399 p.
- FITZGIBBON, Constantine. *The Life of Dylan Thomas* (1965). London: Sphere Books, 1968.
- FRASER, G. S. *Dylan Thomas*. London: Longmans, Green & Co., 1957.
- _____. *Vision and Rhetoric*. London: Faber and Faber, 1959.
- KIERKEGAARD, Søren. *Either/Or* Trans. David F. Swenson and Lillian Marvin Swenson. Princeton: Princeton University Press, 1949.
- _____. *O Conceito de Angústia*. Trad. João Lopes Alves. Porto: Editora Presença, 1962.
- _____. *O Desespero Humano*. Trad. Carlos Grifo, Maria José Marinho, Adolfo Casais Monteiro. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- _____. *Temor e Tremor*. Trad. Carlos Grifo, Maria José Marinho, Adolfo Casais Monteiro. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- LUTHER, Martin. *Da Liberdade Cristã*. Trad. Leônidas Boutin e Heinz Soboll. 4. ed. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1983.
- _____. *Os Catecismos*. Trad. Arnaldo Schüler. Porto Alegre: Concórdia; São Leopoldo: Sinodal, 1983.
- _____. "The Fourteen of Consolation" *Works of Martin Luther*. Trans. Henry Eyster Jacob. Vol. 1: Philadelphia: Muhlenber Press, 1932.
- _____. "The Second Image" *Works of Martin Luther*. Trans. Henry Eyster Jacob. Vol. 1: 146-151. Philadelphia: Muhlenber Press, 1932.
- _____. "Um Sermão sobre a Preparação para a Morte". *Obras Seleccionadas*. Vol. 1 Os Primórdios, Escritos de 1517 a 1519. Trad. Annemarie Höhn. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1987.
- MAUD, Ralph. *Entrances to Dylan Thomas Poetry*. Pittsburg: University of Pittsburg Press, 1963.
- _____. "Introduction." *Poet in the Making. The Notebooks of Dylan Thomas*. Ed. Ralph Maud. London: J.M. Dent and Sons, 1968.
- _____. "Last Poems." *Dylan Thomas: a Collection of Critical Essays*. Ed. by C.B. Cox. New Jersey: Prentice-Hall International, 1987. p. 74-83.
- OLSON, Elder. *The Poetry of Dylan Thomas*. Chicago: University of Chicago Press, 1954.
- SHAPIRO, Karl. "Dylan Thomas." *Dylan Thomas: A Collection of Critical Essays*. Ed. by B. Cox. New Jersey: Prentice-Hall International, 1987. p. 169-180.
- THWAITE, Anthony. "Dylan Thomas and George Barker." *Contemporary English Poetry: An Introduction*. 3rd. ed. London: Heinemann, 1964.
- THOMAS, Dylan. *Collected Poems 1934-1953*. Ed. Walford Davies and Ralph Maud. London: J.M. Dent, 1993.
- _____. *Poemas reunidos (1934-1953)*. Trad. Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

ANEXO I

And Death Shall Have no Dominion

And death shall have no dominion.
Dead men naked they shall be one
With the man in the wind and the west moon;
When their bones are picked clean and the clean bones gone,
They shall have stars at elbow and foot;
Though they go mad they shall be sane,
Though they sink through the sea they shall rise again;
Though lovers be lost love shall not;
And death shall have no dominion.

And death shall have no dominion.
Under the windings of the sea
They lying long shall not die windily;
Twisting on racks when sinews give way,
Strapped to a wheel, yet they shall not break;
Faith in their hands shall snap in two,
And the unicorn evils run them through;
Split all ends up they shan't crack;
And death shall have no dominion.

And death shall have no dominion.
No more may gulls cry at their ears
Or waves break loud on the seashores;
Where blew a flower may a flower no more
Lift its head to the blows of the rain;
Though they be mad and dead as nails,
Heads of the characters hammer through daisies;
Break in the sun till the sun breaks down,
And death shall have no dominion.